



GT09. Geografia histórica urbana...

HERANÇA HISTÓRICA NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO

O pensamento-paisagem na cultura japonesa

DÓREA, Marcela
PPGAU-UFF
mmdorea@gmail.com

NEMER, Luciana
PPGAU-UFF
luciananemerdiniz@gmail.com

ROCHA, Queren
TAR-PPGAU-UFF
querenrocha02@gmail.com

RESUMO: A herança histórica na produção do espaço pela cultura japonesa valoriza a realidade integradora entre o homem e o seu meio, de forma a revelar o quanto o “Pensamento-paisagem” é preponderante nas decisões compositivas e funcionais de seus espaços. Autores como Berque, Locher & Simmons e Richie dão suporte à argumentação interpretativa da cultura oriental. Nesta pesquisa, o jardim tradicional japonês, cuja função principal é a de contemplação, associando a presença de lagos, cascatas, quiosques e elementos típicos do paisagismo, é o principal mote exploratório. No Brasil, se aponta para quatro casos: o Jardim e o Recanto Japonês (RJ), a Praça Província de Shiga (RS) e o Jardim Darcy Rossi (ES). Desta forma, o trabalho reafirma a celebração da natureza e a herança oriental.

Palavras-chave: herança histórica, jardim japonês, pensamento-paisagem

1. INTRODUÇÃO

Em seu perfil geográfico, o Japão apresenta-se como um arquipélago de topografia montanhosa, majoritariamente coberta por florestas. O país está localizado em um ponto de convergência de placas tectônicas, propenso a atividades sísmicas, vulcânicas e Tsunamis. Além disso, está sujeito a tufões durante o verão e o outono que ocorrem cerca de duas vezes por ano.

Embora suas dimensões geográficas sejam limitadas, o clima varia expressivamente de uma região para outra – temperado ao norte e subtropical ao sul, assim como nas transições sazonais que apresentam em sua paisagem cores e texturas características de cada estação.

O país possui uma rica biodiversidade e recursos pesqueiros, entretanto, a área disponível para o cultivo agrícola é limitada, resultando em práticas avançadas de cultivo. Em seu escrito *The sense of nature and its relation to space in Japan*, Berque (1986) diferencia a cultura agrícola europeia - em favor da produtividade do trabalho, da cultura agrícola japonesa - em favor da produtividade da terra, evidenciando o entrelaçamento entre homem-natureza presente nos modos de produção tradicionais (e pré-industriais) no país. Para o autor, a natureza, que se desenvolve espontaneamente por seu próprio ímpeto (*onozukara*) e sem causa externa (Berque, 1986, p.101), possui uma forte presença no cotidiano da sociedade japonesa, fato que se mantém historicamente.

Para o povo japonês o culto à natureza e aos espíritos ancestrais ocorre por meio de oferendas e orações realizadas em altares por todo país. Assim, o objetivo da adoração é a realização de pedidos de ajuda, promessas e agradecimentos. Na interpretação ocidental, a atividade representa a espiritualidade dos japoneses e pode ser considerada uma religião. No Japão recebe o nome de xintoísmo.

No xintoísmo, religião nativa do Japão, as divindades conhecidas como Kami, residem em elementos da natureza como rochas, montanhas e árvores. Ofertas a essas divindades são feitas para demonstrar respeito, estreitando ainda mais os laços entre homem-natureza. O budismo introduzido no século VI, se fundiu às ideias e rituais do shintō, de modo a incorporar um forte respeito pela natureza (Locher & Simmons, 2012). A crença de que as divindades vivem entre as pessoas sem barreiras reforça a ideia de que a humanidade e a

natureza são inseparáveis, fortalecendo a relação simbiótica entre homem e ambiente na cultura japonesa.

As constantes transformações no cenário do ambiente trazem um sentido de transitoriedade e impermanência fortemente presente no imaginário da sociedade japonesa. Podem ser percebidas no significado das palavras: *Wabi-sabi* (侘寂) a beleza da imperfeição, da impermanência e da simplicidade e *Mono no Aware* (物の哀れ): "a beleza da transitoriedade" ou "a tristeza das coisas", ou ainda, vida e morte. É possível perceber uma ideia intrínseca na cultura japonesa em que "os aspectos da natureza (ou vida, ou arte) que movem um indivíduo suscetível a uma consciência da beleza efêmera de um mundo em que a transformação é a única constante" (Richie 2007, p. 71). Portanto, torna-se nítida a apropriação de aspectos da paisagem como marcos estéticos e espirituais a conformar o Ethos do povo Japonês.

O presente trabalho incorpora conteúdos já desenvolvidos em pesquisa de doutorado e mestrado em Arquitetura e Urbanismo, ambas em andamento. A metodologia a ser utilizada neste estudo é composta pela revisão bibliográfica a partir da reunião e análise crítica, principalmente por fontes secundárias. O estudo também conta com um levantamento de residências japonesas, mas, em especial de quatro estudos de casos de jardins e praças no Brasil, como forma de materialização dos conceitos apresentados. A seleção dos estudos de casos exemplifica as premissas apontadas, a partir de critérios que definem o pensamento-paisagem, compreendendo uma produção em pequena escala, duas equivalentes ao típico recanto nipônico e a solução que remete através do jardim sensorial.

2. O PENSAMENTO-PAISAGEM

Augustin Berque em seu escrito "O Pensamento-paisagem" aponta para a realidade integradora entre o homem e o seu meio. Partindo de uma crítica ao "paradigma ocidental moderno Clássico que lança um olhar *objetivista* acerca do indivíduo e da paisagem a ponto de separá-los como se fossem objetos não relacionados, propõe "o sentido de um meio"(Berque, 2023, p.111) por ele denominado como *Mediância*, aquilo que constitui conexão às duas vertentes do ser humano: "sua metade animal, que é individual [...], e sua metade medial, que é transindividual e intersubjetiva, tanto no espaço como no tempo (Berque, 2023, p.119).

O autor leva à compreensão que os homens são seres relacionais, inseridos em uma dinâmica em que tudo os tangencia, os transforma e, ao mesmo tempo, é por eles transformado. Sejam outros seres humanos, outros animais, ou mesmo o meio em que se vive, incluindo-se todos os seus aspectos, tangíveis e intangíveis. Berque (2023, p. 111) elabora que o momento estrutural da existência fazendo com que se seja, ao mesmo tempo “corpo animal individual” e um “sistema eco-técnico-simbólico que é o meio de vida humano.”

A forte presença da natureza no cotidiano do povo japonês afetou e moldou a cultura japonesa em seus modos de pensar e de fazer, a ponto de se tornar o *Leitmotiv* - tema melódico ou harmônico destinado a caracterizar um personagem, uma situação, um estado de espírito e que, na forma original ou por meio de transformações desta, acompanha os seus múltiplos reaparecimentos ao longo de uma obra, esp. em óperas; motivo condutor. (Oxford Languages, 2024).

Os poemas *Haikais* de Matsuo Bashō (1644 -1694) são descritivos do cotidiano e revelam a ideia que a humanidade é inseparável da natureza e seus momentos fugazes de beleza e decadência inevitável (Frade, 2020). Assim também descrevem o conceito: as diversas pinturas ao longo dos séculos - como a *Grande Onda de Kanagawa* ou as *36 Vistas do Monte Fuji*; a arte de arranjos florais (Ikebana) e a cerimônia do Chá que reúne em si todo embasamento filosófico da sociedade japonesa e versa sobre a integração homem-natureza (Okakura, 2020).

Cabe acrescentar o costume tradicional japonês de contemplar a beleza das flores (Hanami). Apesar do Hanami ser usado mais especificamente para a observação das flores de cerejeira, a tradição pode ser aplicada a outras espécies. No Japão, há, até os dias atuais, feriados e festivais para comemoração do plantio do arroz, a sua colheita e a lua de outono.

A simbiose entre homem-natureza conforma um ideal que permeia fortemente o pensamento do povo japonês. A cultura japonesa, portanto, reflete em diversos aspectos, a noção de que o homem está integrado à paisagem e aproxima-se do que Berque (2023) denomina como “pensamento-paisagem”.

O pensamento-paisagem pressupõe uma paisagem vivenciada o que ocasiona profunda interação entre o homem e o seu ambiente em relação de reciprocidade entre espaço e

pensamento, reconhecendo em si uma dimensão estética, simbólica e sensível para a compreensão da cultura. Buscando aporte no pensamento de Watsuji Tetsuro em sua obra *Fûdo*, de 1935, o autor conclui ser o pensamento-paisagem “a maneira pela qual cada ser humano, da sua carne às suas ações, traduz essa mediância” (Berque, 2023, p. 115).

Berque (2023) afirma que: ao não se conscientizar de sua integração com o meio, o homem proporciona problemas maiores como a degeneração da paisagem. Assim, a relação homem-meio na cultura Japonesa não se trata de um determinismo geográfico, algo condenado na antropologia, mas a oportunidade que a “natureza agressiva” (grifo nosso) ofereceu de solucionar inúmeros problemas (figura 01) afim de que ali, naquela porção de mundo, se pudesse habitar.

Figura 01: Técnica Daisugui – cultivo/corte sustentável de madeira inventado no século XIV em Kyoto.

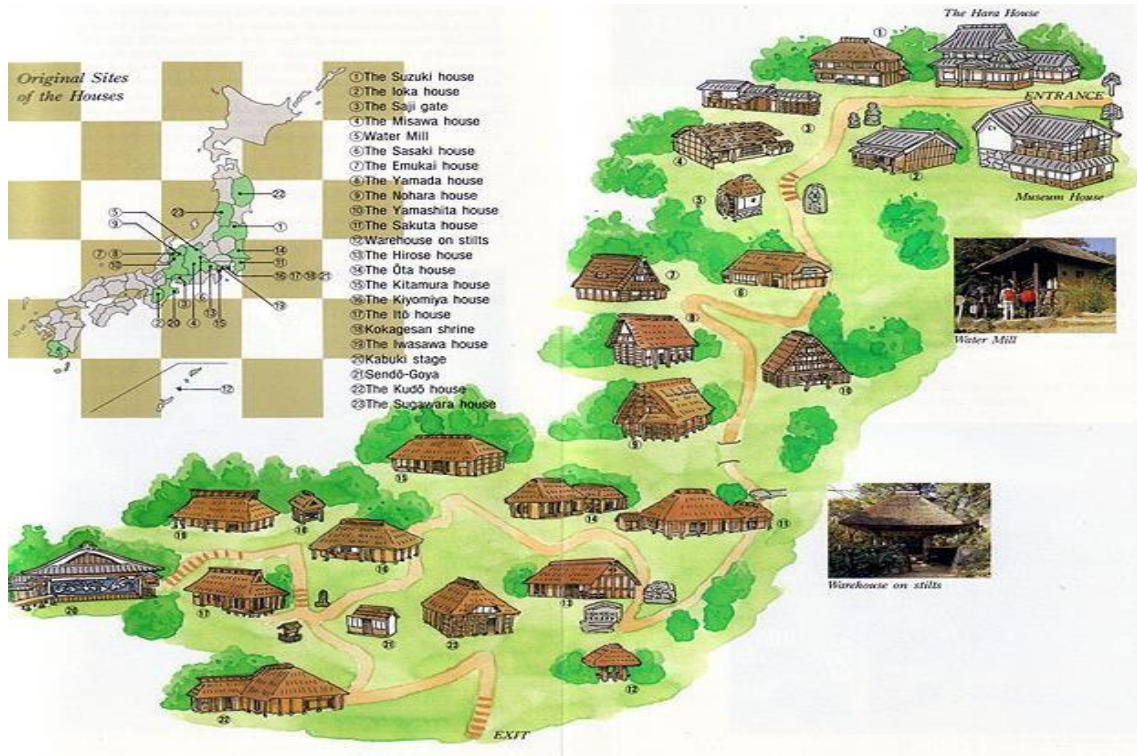


Fonte: <https://lavozdelmuro.net/wp-content/uploads/2020/11/daisugi.jpeg>

Na arquitetura tradicional japonesa esse “pensamento-paisagem” se materializa na perfeita integração com o sítio, através do uso dos meios locais: materiais, técnicas, conhecimento, mão –de-obra. Os materiais mais utilizados são: pedra, madeira, materiais vegetais como o papel de arroz ou palha de arroz para os telhados e estuque de lama.

A construção das casas populares japonesas (*Minka*), são exemplo dessa integração à medida que se adaptam de acordo com as especificidades do local em que estão assentadas, levando a uma diversidade em sua arquitetura vernacular, como pode ser visto na figura 02.

Figura 02: *Japan Open-air Folk House Museum* - ou Museu da Casa Folclórica ao Ar Livre do Japão



Fonte: https://www.wa-pedia.com/japan-guide/nihon_minka-en.shtml

O Nihon Minka-em é uma tentativa de recriar 24 edifícios históricos de 15 províncias diferentes, datando do final do século XVII ao início do século XX. A maioria das casas tem chão de terra batida com lareira na cozinha e telhados de colmo. (Japan Travel Guide, 2024). A figura 03 ilustra dois exemplares *Minka*.

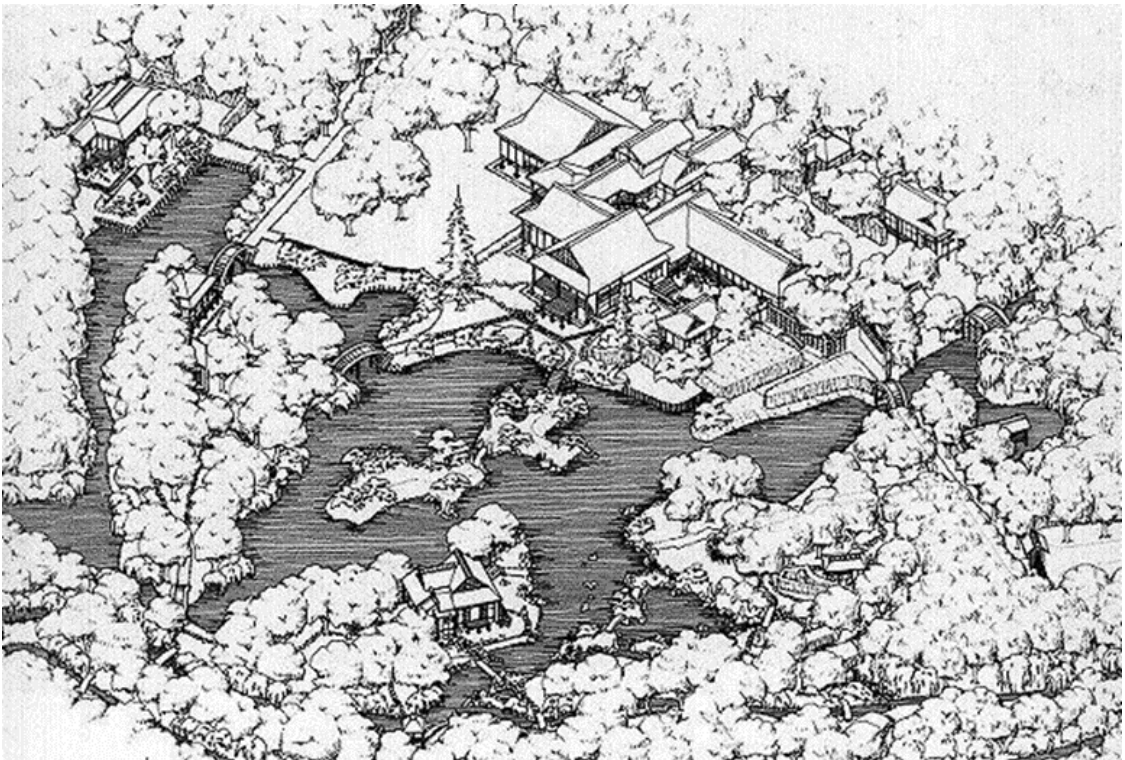
Figura 03: Gasshō-zukuri Minka– Ogimachi e Honmune-zukuri – Minka.



Fonte: https://www.minube.com.br/sitio-preferido/gassh%C5%8D_zukuri-minka_en--a89106 e https://furihata.co.jp/furihata_org/column/2013/05/14/1368494979050.html

A arquitetura tradicional também denuncia o “pensamento-paisagem” presente na cultura japonesa no modo como a construção se abre para a paisagem. Um exemplo paradigmático de arquitetura tradicional japonesa que contém em si essa característica é a *Vila Imperial de Katsura* (figura 04), construída no século XVII, que, além de se articular sobre o meio que está, busca, em cada vista para o exterior, enquadrar composições paisagísticas, configurando uma forte relação interior-exterior.

Figura 04: Vila Imperial de *Katsura* e paisagem



Fonte: <https://hiddenarchitecture.net/villa-katsura/>

Na Vila Imperial de *Katsura* é possível observar que o exterior é uma constante preocupação na concepção da arquitetura tradicional (figuras 05, 06 e 07). Desta forma, o lago deve refletir a lua e jardins estão frequentemente anexados às construções. Nas figuras que ilustram o projeto da vila se verifica a integração exterior – interior dada pelos panos de vidro e também a existência do deck na fachada para contemplação da lua.

A vila materializa os pressupostos teóricos afirmados nesta pesquisa como a forte presença da natureza no cotidiano japonês.

Figura 05: Vista da Vila Imperial de *Katsura*



Fonte: <https://hiddenarchitecture.net/villa-katsura/>

Figura 06: Vista interna de Minka na Vila Imperial de *Katsura*



Fonte: Locher e Simmons, 2012

Figuras 07: Deck na fachada



Fonte: <https://hiddenarchitecture.net/villa-katsura/> e Locher & Simmons, 2012

Dessa forma, a cultura japonesa, com sua intensa influência da natureza no cotidiano do povo japonês moldou a sua cultura a ponto de tornar-se protagonista em seus padrões de pensamento e comportamento.

De acordo com Hopkins (2017, p. 189) a tradição japonesa, refletindo diversas correntes do pensamento budista, fez uso quase exclusivo da madeira, com espaços internos delimitados por divisórias removíveis e com pouca distinção entre interior e exterior (figura 08).

Figuras 08: Kiyonori Kikutake, Casa no Céu, Tóquio, 1959.



Fonte: Hopkins, 2017.

De fato, o projeto de Kiyonori Kikutake de 1959, a Casa do Céu localizada em Tóquio exemplifica em seus espaços a noção de fluidez e impermanência preconizada pela tecnologia dos metabolistas. Acrescenta o autor que em 1960, Kisho Kurokawa, Kiyonori Kikutake e Fumihiko Maki publicaram o panfleto *Metabolismo 1960: Proposta para um Novo Urbanismo*, que fundia o modernismo tecnológico com noções budistas de fluência e impermanência.

Segundo Hopkins (2017, p. 186) o modernismo chegou ao Japão entre as duas guerras mundiais. Porém, só depois de 1945, com a reconstrução, é que se discutiu a sério como conjugar a necessidade de modernização com os valores tradicionais japoneses profundamente arraigados.

Os princípios metabolistas propunham uma arquitetura mutável e dinâmica, assim como uma célula orgânica. Na verdade, a proposta refletia as mudanças da sociedade japonesa no período e, como resultado, planejava cidades baseadas na evolução tecnológica e na modulação. No entanto, cabe ressaltar, que a própria arquitetura vernacular japonesa, também é composta de elementos modulares como o Ken.

De acordo com Yamaki (2008), as unidades de medidas nipônicas prevaleceram para elaboração das construções, usando o módulo saku (equivalente a 30,3 centímetros) e o módulo ken (equivalente a 1,8 metros). De acordo com Ching, no Japão, uma medida introduzida na segunda metade da idade média foi o Ken. Na verdade, se constituiu em um módulo estético que organizava a estrutura, os materiais e a arquitetura japonesa (Ching, 1998, p. 306). No início o Ken possuía uma medida certa, sendo usado basicamente da combinação de vários tatames, cuja medida hoje é de 1,80 m, formando desenhos geométricos proporcionais e simétricos que determinava a separação entre colunas. O sucesso da unidade de medida japonesa se dava em função da mesma carregar a tríplice atribuição: definia o espaço, a modulação estrutural e os materiais de construção.

Na arquitetura tradicional japonesa a qualidade transitória da natureza também é aparente no pensamento tradicional sobre a preservação de edifícios, que foram construídos com materiais naturais como madeira, papel e casca de árvore – materiais que se desintegram com o tempo e devem ser mantidos, reparados ou substituídos. A ideia de preservação não

é aquela em que as edificações deveriam ser mantidas intactas, com elementos substituídos apenas quando ultrapassavam sua vida útil. Em vez disso, os edifícios podem mudar constantemente, com peças removidas ou adicionadas conforme necessário para a vida diária ou conforme necessário para a manutenção. Os edifícios são compreendidos como parte do ambiente em mudança e não como equipamentos permanentes. Cabe complementar que o conceito *Wabi-sabi* (侘寂) (ideal filosófico japonês, assim como uma abordagem estética centrada na aceitação da transitoriedade e da imperfeição dos objetos e dos seres humanos). também está presente na efemeridade dos materiais, assim como as suas características rústicas.

Figuras 09: Vista para um nicho Tokonoma, demarcada por coluna ligeiramente retorcida e uma prateleira em madeira.



Fonte: Locher e Simmons, 2012.

Conforme o conceito filosófico do *Wabi-sabi*, a concepção das casas e dos jardins é muitas vezes descrita como a do belo que é “imperfeito, impermanente e incompleto”. A filosofia *Wabi-sabi* surgiu, por volta do século XVI, no Japão, durante o período Muromachi, com bases nos ideais do zen budismo. É um conceito derivado dos ensinamentos budistas das

três marcas da existência (三法印 *sanbōin*), nomeadamente *anicca* (impermanência), as outras duas sendo *dukkha* (sofrimento) e *anatta* (não-eu). (Richard, 2005 e Andrew, 2003). A figura 11 reflete a estética do *Wabi-sabi* no jardim *Kenroku-em*.

Figura 10: A casa de chá japonesa - jardim *Kenroku-em*.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Wabi-sabi#/media/Ficheiro:2002_kenrokuen_hanami_0123.jpg

3. O JARDIM JAPONÊS

O “pensamento-paisagem” intrínseco a cultura Japonesa conforma modos de fazer e de pensar e são expressos em marcos conceituais presentes em sua linguagem. (Berque, 1986). É possível observar que determinados marcos são apropriados por arquitetos japoneses em suas posturas de projeto arquitetônico e paisagístico. Desta forma, os jardins japoneses enfatizam a harmonia, a natureza efêmera e a conexão espiritual, refletindo os pensamentos do Zen Budismo e do Xintoísmo em sua composição.

Os jardins franceses e ingleses vinculam-se aos ideais racionalistas, de simetria e representações simbólicas, em uma tentativa de controlar a natureza. De modo diferente, os jardins japoneses, em seu caráter contemplativo visam a sua celebração. São metonímias da real paisagem (Berque, 1986, p.105).

Figura 11: Grupos de pedras compostos para representar elementos da natureza do Templo Raikyūji e jardim zen do Templo Tōfukuji em Kyoto.



Fonte: Locher e Simmons, 2012.

A contemplação se faz presente, também, na cidade do Rio de Janeiro, onde o Jardim Botânico recebeu em 1935, a partir de uma doação de sessenta e cinco espécies de plantas típicas do Japão, feita pela Missão Econômica Japonesa, que à época visitou o Brasil. (Soldon, 2009).

Figura 12: Jardim japonês – Jardim Botânico – Rio de Janeiro



Fonte: Soldon, 2009.

O espaço foi reinaugurado em 1995, apresentando ao observador, como pode ser visto na figura 12, lago com flores de lótus, jardim de pedras e exemplares de bonsais. Ainda segundo Solon (2009) estão presentes: bambus, cerejeiras, buquês de noiva e salgueiros-chorões.

Outro típico recanto nipônico pode ser usufruído na cidade do Rio de Janeiro há poucos minutos do Jardim Botânico, se trata do Recanto japonês no Alto da Boa Vista. De acordo com a Veja Rio (2016), a Secretaria de Conservação e Serviços Públicos concluiu a instalação de uma lanterna japonesa que fazia parte do acervo do galpão da Gerência de Monumentos e Chafarizes e, na ocasião passou a ser um dos componentes do jardim no estilo japonês que fica numa área verde na subida do Alto da Boa Vista. O local já contava com uma ponte de estilo japonês que fica sobre um lago e que também foi revitalizada com confecção de guarda-corpo em madeira e pintura.

Figura 13: Recanto japonês – Alto da Boa Vista – Rio de Janeiro



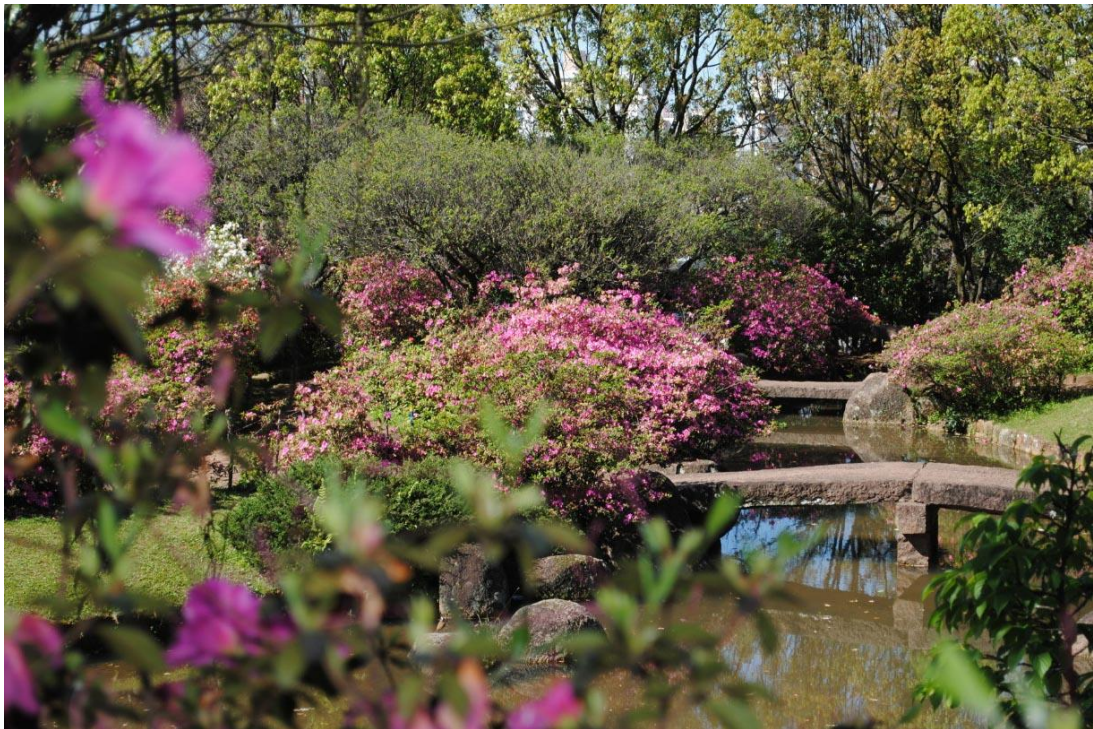
Fonte: Veja Rio, 2016.

Em Porto Alegre, a Praça Província de Shiga possui o *status* de ser um dos locais mais solicitados com o objetivo de ensaios fotográficos, piqueniques e festas de aniversários. O

que há de mais inusitado no espaço, além do cenário cinematográfico que ocorre na chegada da primavera com as azaleias floridas é que se trata de um jardim japonês.

A Praça tem origem no convênio entre o Rio Grande do Sul e a província de Shiga, no Japão e foi em 1983. A Praça Província de Shiga teve suas obras financiadas pelo governo japonês, tem projeto assinado pelo arquiteto paisagista Kunie. (Martins, 2018).

Figura 13: Praça Província de Shiga – Porto Alegre



Fonte: Martins, 2018.

Com a função principal de contemplação, o espaço conta com um pequeno lago, cascata, quiosque e elementos típicos do paisagismo japonês.

Na mesma linha de concepção, porém acrescida do jardim sensorial - Um jardim de pedras japonês (枯山水 *Karesansui*) ou jardim Zen, pode ser visitado no Parque da Pedra da Cebola, em Vitória.

O parque foi implantado em novembro de 1997, num local onde, até 1978, existiu a Pedreira de Goiabeiras, de propriedade da mineradora Vale. Trata-se da primeira recuperação de área degradada por esse tipo de atividade econômica no município. (PMV, 2024).

Figura 14: Jardim Darcy Rossi (2011) – Parque da Pedra da Cebola - Vitória



Fonte: das autoras, 2023

Figura 15: Edificações administrativas do Parque da Pedra da Cebola - Vitória



Fonte: das autoras, 2023

Como é possível observar na figura 14, o jardim é um campo raso de areia contendo areia, cascalho, pedras. Os principais elementos de um *Karesansui* são, de fato, as pedras e a areia, com o mar simbolizado não por água, mas por areia revolvida em desenhos que sugerem ondulações na água.

Na figura 15, outra característica do *Karesansui*: os jardins sensoriais são projetados para serem vistos de uma única perspectiva, desta forma, somente com a aproximação aos edifícios se obtêm a visualização. Outros dois pontos importantes são: a rocha natural do terreno e a curvatura do telhado remetem a elementos presentes na paisagem japonesa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância do estudo do pensamento-paisagem como uma expressão cultural de determinado povo, transcende fronteiras geográficas e, neste trabalho, ilustra a presença da filosofia oriental no modo de produzir o espaço. A pesquisa revela uma integração entre técnicas construtivas e a preservação dos valores culturais, apresentado através das *Minkas* e jardins japoneses. A influência cultural é sentida nos lugares onde se estabelecem, e, dessa maneira, os jardins apresentados nesta pesquisa refletem a herança cultural nipônica.

A análise dos quatro casos estudados, Jardim japonês – Jardim Botânico – Rio de Janeiro, Recanto japonês – Alto da Boa Vista – Rio de Janeiro, Praça Província de Shiga – Porto Alegre e Jardim Darcy Rossi (2011) – Parque da Pedra da Cebola - Vitória, demonstra como os imigrantes japoneses adaptaram suas habilidades tradicionais às condições locais brasileiras, utilizando materiais disponíveis e respondendo às necessidades específicas de cada região. Além disso, observou-se os desafios de preservar os jardins e as variadas nuances que a criação dessas está passível.

Este estudo reafirma a necessidade de preservar e estudar a cultura japonesa, tanto no país de origem como sua herança espalhada pelo mundo, no caso desta pesquisa, em jardins no Brasil. Esses espaços devem ser apreendidos não apenas como marcos históricos, mas como fontes de conhecimento que podem orientar práticas arquitetônicas de preservação da memória, especialmente em um mundo que busca soluções culturalmente integradas. No modo de construir japonês se encontra a oportunidade para entender o quanto o “pensamento-paisagem” está presente na cultura e no modo como a construção se abre para a paisagem, tecida a partir de entrelaçados fios de influências diversas que a moldam e por ela são moldadas.

5. REFERÊNCIAS

- ANDREW, Juniper. *Wabi-sabi: the Japanese art of impermanence*. Boston: Tuttle Pub., 2003.
- BERQUE, Augustin. **O pensamento-paisagem**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2023.
- BERQUE, Augustin. "Sense of Nature and Its Relation to Space in Japan." In: HENDRY, Joy; WEBBER, Jonathan (eds). *Interpreting Japanese Society: Anthropological Approaches*. Oxford: Jaso Occasional Papers, n°. 5, 1986.
- CHING, Francis D. K. **Arquitetura: Forma, Espaço e Ordem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FRADE, Gustavo. Doze poemas de Matsuo Bashô. **5% Arquitetura + Arte**, São Paulo, ano 15, v. 01, n.19, p. 1-7, jul-dez 2020. Disponível em: <<http://revista5.arquitetonica.com/index.php/magazine-1/arquitetura/o-realismo>>. Acesso em 26 jul 2024.
- HOPKINS, Owen. **Arquitetura: guia visual de estilos arquitetônicos ocidentais do período clássico até o século XXI**. São Paulo: Publifolha, 2017.
- JAPAN TRAVEL GUIDE. *Nihon Minka-en (日本民家園)*. 2024. Disponível em: <https://www.wa-pedia.com/japan-guide/nihon_minka-en.shtml>. Acesso em 30 jul 2024.
- LOCHER, Mira e SIMMONS, Ben. *Traditional Japanese Architecture: An Exploration of Elements and Forms*. Clarendon: Tuttle Publishing, 2012.
- MARTINS, Gilmar. **Praça que celebra a amizade com Japão completa 35 anos**. 2018. Disponível em: <<https://prefeitura.poa.br/smams/noticias/praca-que-celebra-amizade-com-japao-completa-35-anos>>. Acesso em 23 jul 2024.
- NÓBREGA, Ana. **Hanami: tradição ensina empatia pela natureza**. Disponível em: <<https://www.ecycle.com.br/hanami/>>. Acesso em 03 ago 2024.
- OKAKURA, Kakuzo. **O livro do chá**. São Paulo: Estação Liberdade, 2020.

OXFORD LANGUAGES. **Dicionário Oxford Languages**. 2024. Disponível em: <<https://www.oxfordlanguages.com/>. > Acesso em: 03 ago. 2024.

PMN – Prefeitura Municipal de Vitória. **Parque da Pedra da Cebola**. Disponível em: <<https://m.vitoria.es.gov.br/turista/parques>>. Acesso em 01° ago 2024.

RICHARD, Powell. *Wabi sabi simple : create beauty, value imperfection, live deeply*. Avon: Adams Media, 2005.

RICHIE, Donald. *A Tractate on Japanese Aesthetics*. Berkeley Stone Bridge Press, 2007.

SOLON, Rodrigo. **Jardim Japonês - Jardim Botânico**. 2009. Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Jardim_Japon%C3%AAs,_Jardim_Bot%C3%A2nico_-_Botanical_garden_%283903335809%29.jpg>. Acesso em 02 ago 2024.

Veja Rio. Recanto japonês no Alto da Boa Vista. 2016. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/cidade/recanto-japones-alto-boa-vista>>. Acesso em 30 jul 2024.

YAMAKI, H. **Lições de Arquitetura: Manuais e Recomendações aos Imigrantes Japoneses nos anos 20-30**. Londrina: Edições Humanidades, 2008.